

OS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS: DIREITOS EM PERSPECTIVAS

TAÍSA SANTOS SACRAMENTO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

LUANA SENA DA SILVA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

AMANDA QUEIROZ ROCHA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

MARILETE CALEGARI CARDOSO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir os principais desafios e obstáculos enfrentados atualmente na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI), para a obtenção de seus direitos e permanência até a conclusão da educação básica. Trata-se de uma pesquisa realizada com base em três outros estudos anteriormente produzidos por estudantes de pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB – cujo seus acervos permitiram, em seus atravessamentos, capturar registros e narrativas de jovens da EPJAI, em três escolas públicas no município de Jequié, Bahia/Brasil. O primeiro apresenta a problemática acerca do abandono escolar e os protagonistas da EPJAI. O segundo estudo versa acerca da prática pedagógica na EPJAI: os desafios de uma escola municipal do município de Jequié- BA. O terceiro, discorre acerca da permanência da EPJAI, a fim de saber quais são as maiores dificuldades da instituição para garantir a permanência ao público idoso da EPJAI. Este trabalho sinaliza, que embora a EPJAI seja garantida por direito, são inúmeros fatores que corroboram para a não efetivação desta modalidade de ensino, visto que alguns outros direitos não são supridos nas vidas pessoais dos alunos, ou não há uma boa metodologia docente para instigar a permanência dos alunos na escola. Dito isto, faz-se necessário práticas e políticas públicas que visem a qualidade da educação para o público da EPJAI, de maneira a potencializar o aprendizado e garantir seu prosseguimento na escola.

3293

Palavras-chave: Educação. EPJAI. Direitos.

Abstract

The article aims to reflect the main challenges and obstacles currently faced in the Education of Young, Adult and Elderly People (EPJAI), in order to obtain their rights and remain until the completion of basic education. This is a study, carried out based on three other studies previously produced by pedagogy students at the State University of Southwest Bahia - UESB - whose collections allowed, in their crossings, to capture records and narratives of young people from EPJAI, in three schools public services in the municipality of Jequié, Bahia/Brasi. The first presents the issue surrounding school dropout and the protagonists of EPJAI. The second study deals with pedagogical practice at EPJAI: the challenges of a municipal school in the municipality of Jequié-BA. The third talks about the permanence of EPJAI, in order to know what the institution's greatest difficulties are in guaranteeing the permanence of the elderly population of EPJAI. This work indicates that although EPJAI is guaranteed by law,

there are numerous factors that corroborate the non-implementation of this type of teaching, as some other rights are not met in the personal lives of students, or there is no good teaching methodology to instigate students' permanence at school. That said, there is a need for public practices and policies that aim to improve the quality of education for the EPJAI public, in order to enhance learning and ensure its continuation at school.

Keywords: Education. EPJAI. Rights

Introdução

Ao longo da história brasileira a Educação de Jovens e Adultos, quaisquer que sejam as situações, sempre foi concebida como uma área deixada à margem, isto é, excluída do verdadeiro compromisso em proporcionar uma educação social de qualidade. Isso significa dizer que desde os tempos jesuíticos — durante o período colonial brasileiro — os sujeitos pertencentes a essa modalidade, hoje entendida como tal, foram visibilizados com uma estigmatização carregada de preconceito, haja vista que os analfabetos eram “carregados de negatividade, significando ignorante.” (Ferraro, 2014, p.70). Somente em 1998, por meio de Emenda, à Lei de Diretrizes e Bases da Educação — LDB 9.394/96 intitula dois artigos na seção da Educação Básica para reafirmar a obrigatoriedade e a gratuidade da oferta de educação para todos que não conseguiram concluir a escolarização na idade regular (BRASIL, 1996). A EJA se constitui como uma modalidade da Educação Básica destinada aos sujeitos que por algum motivo não tiveram a possibilidade de concluir a escolarização na idade regular — 15 anos para Ensino Fundamental e 18 anos para Ensino Médio.

Diante disso, a Educação de Jovens e Adultos demonstra a necessidade de um fazer pedagógico específico, com currículo contextualizado com a vida particular desses sujeitos, o que deve considerar as diferenças culturais e geracionais existentes nessa modalidade, o emprego de metodologias de ensino específica e uma formação competente, consciente, crítica e real.

Ademais, o direito à educação vem sendo negado a muitas pessoas e o fato de estar escrito na Constituição Federal não é uma garantia de que seja oferecido, pois há diversos fatores que o influenciam, como a perspectiva que a sociedade e o Estado

tende a ver o público da EPJAI como "marginais", ou seja, minorias às margens da aristocracia, e esse estigma de preconceito ressoa também nas escolas gerando inúmeras dificuldades. Dito isso, este artigo também tem o objetivo de compreender sob o ponto de vista da escola quais os desafios para que o público jovem e idoso da EPJAI permaneça nela.

Destarte, nosso estudo utiliza-se de uma metodologia de cunho qualitativo que envolve observação da estrutura e entrevista com a direção e alguns alunos idosos da escola. E com base nos resultados obtidos, tentou potencializar soluções para a problemática e novos meios de incentivar os alunos a continuarem frequentando as escolas. Por meio das observações feitas, chega-se às seguintes conclusões: a escola embora seja ampla e oferece várias oportunidades para os alunos,

Abandono escolar: quem são os sujeitos da EPJAI?

Esta primeira parte, trata-se de um estudo sobre duas pesquisas realizadas: A primeira com dois jovens que não concluíram a educação básica na faixa etária esperada e a outra pesquisa de inspiração etnográfica sob orientação da disciplina de Investigação da Cultura Escolar II com o objetivo de observar criticamente os contextos escolares das pessoas que compõem o cenário da EPJAI.

Inicialmente, realizamos uma entrevista com dois jovens que não concluíram a educação básica na faixa etária esperada para saber o motivo que os levaram a desistir dos estudos. Nesse sentido, de acordo com a primeira entrevistada, ela abandonou os estudos aos 17 anos de idade, já o segundo alegou ter abandonado aos 18 anos, ambos de forma precoce e na passagem do ensino fundamental para o médio. Eles relataram os motivos que acabam contribuindo para sua desistência escolar, bem como os principais problemas que dificultaram sua permanência no EJA.

Sustentada por esses parâmetros, elaboramos algumas perguntas para a realização da entrevista com os jovens, e assim entender a realidade em que eles vivem. Por motivos éticos manteremos o sigilo da identidade dos entrevistados, para que isso aconteça utilizaremos nomes fictícios para nos referimos aos mesmos, assim serão tratados como Ana e Joaquim. Ambos responderam questões do tipo: Quais foram as razões que te levaram a desistir dos estudos? Quais são os principais problemas que dificultam sua permanência na escola?

A primeira entrevistada atualmente está com 23 anos de idade e relata ter abandonado os estudos aos 17 anos de idade no 1º ano do ensino médio quando entrou em um relacionamento abusivo na qual o companheiro não apoiava sua ida à escola. Aos 18 anos tentou fazer o EJA – Educação de Jovens e Adultos –, mas outra vez não ficou muito tempo, pois nesse período ela engravidou o que provocou inúmeras modificações na sua rotina diária gerando grandes prejuízos físicos, emocionais e econômicos dificultando sua volta à escola. Quando questionada sobre quais são os problemas que impedem sua permanência, a mesma relatou que com o nascimento da filha precisou trabalhar para complementar a renda de casa, já que com a chegada da criança os gastos aumentaram bastante.

O segundo entrevistado tem 27 anos e, nesse sentido, abandonou os estudos aos 18 anos no 1º ano do ensino médio. Ele relatou que isso aconteceu após se tornar pai, pois precisou complementar a renda familiar com a chegada da criança. Aos 20 anos, Joaquim conta que voltou a estudar e optou por fazer o ensino médio integrado ao curso técnico, mas que infelizmente não sentia ânimo de frequentar as aulas depois de um dia de trabalho. Sendo assim, o principal motivo que dificultou sua permanência na educação de jovens e adultos, foi a dificuldade em conciliar trabalho e estudo. Da mesma forma, isso acontece atualmente com muitos jovens, pois se encontram desmotivados com os estudos, haja vista que depois de um dia cansativo de trabalho encontrar prazer nos estudos se torna um grande desafio. Dessa forma, percebemos como a necessidade de trabalhar é um dos principais motivos da evasão de jovens e adultos.

Percebe-se que uma coisa em comum entre os dois entrevistados foi que ambos relataram que a rotina de trabalho e o cansaço do dia a dia são fatores que desmotivam sua continuidade dos estudos. Nesse sentido, percebemos a necessidade dos assuntos desenvolvidos em sala serem contextualizados com a realidade do aluno do EJA, para despertar o interesse e o ânimo do aluno no processo de ensino-aprendizagem, assim o professor não pode se limitar a transmitir conteúdo de um livro didático, mas procurar mecanismos que desperte o interesse do aluno.

A prática pedagógica na EPJAI: os desafios de uma escola municipal do município de Jequié- BA

A segunda parte, trata-se de uma prática observada que foi realizada a partir da disciplina de Investigação da Cultura Escolar II do V semestre em licenciatura em Pedagogia na Escola Municipal Doutor Joaquim Marques Monteiro localizada no bairro Brasil Novo, Jequiezinho, na cidade de Jequié Bahia, a fim de obter reflexões referentes sobre a vida dos sujeitos da EPJAI, e as práticas docentes e metodológicas do professor.

Observou-se que o professor teve o início da aula por volta das 19h40min da noite e que ele é responsável pelo segundo, terceiro, quarto e quinto ano das séries iniciais do ensino fundamental porque não tinha outro docente para atuar nesses espaços.

Aliado a isso, o seu temperamento com a turma e com a coordenação era de alegria, com um toque de brincadeira para trazer leveza ao trabalho pedagógico feito na cultura escolar. De início, apresentada a proposta de observação da prática pedagógica, ele reagiu de maneira acolhedora e permitiu aos componentes do grupo a entrada para a sala de aula a fim de que observássemos a sua relação com os alunos e o conhecimento que seria ali dialogado.

Os alunos, no total, eram 9 que estavam presentes no dia 20/10, o que evidencia a evasão escolar, além de que o dia da visita era exatamente na sexta-feira e, evidentemente, muitos faltam e/ou adentram a escola, no entanto vão embora cedo. A diversidade de alunos que possuem idades diferentes é considerável, além de que a maioria predominante na sala era do sexo feminino.

Na medida que ele explicava a atividade de matemática — multiplicação —, ponderou pontos importantes que levaram os alunos a compreenderem o exercício matemático na vida cotidiana, o que preconiza a fala dele: “Você tem 5 reais vezes 10 reais, você fica com quanto?” Ele explicou na fala para todos, depois intercalou entre a orientação individual de cada aluno e logo após explicou no quadro com o piloto vermelho e preto.

Imagem 1: Sala de aula.



Fonte: Autoras.

Essa conjuntura aliada ao cotidiano dos alunos da EPJAI preconiza uma educação essencialmente humanizadora e dialógica, pois parte da particularidade do dia a dia, o que evidencia a importância do contexto social, isto é, das vivências desses sujeitos para uma prática pedagógica efetiva e real, é exatamente a afirmação de Freire (1996, p.16) que o professor possui:

O dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Diante dessas afirmações acima, acerca da prática educativa desse professor, é indispensável observar que antes da explicação do exercício, foi colocado uma música ambiente tranquila com toque de calma e paz, haja vista que os alunos da EPJAI, em sua maioria, frequentam a escola após um longo dia de trabalho, seja dentro de casa, seja no comércio. Frente a isso, a prática pedagógica desse docente em pauta caracteriza-se pela abertura afetiva entre professor e aluno, de modo que este valoriza o saber sensível sem rejeitar o conhecimento historicamente construído, isto é, os conteúdos escolares.

Chegado o momento da entrevista que teve duração de 37 minutos, o professor, quando perguntado quanto tempo atua na modalidade da EPJAI, respondeu:

Tenho quatro meses e antes de vir para a EPJAI eu atuava na Educação Especial, fui professor auxiliar desse tipo de ensino de 2017 até 2022, eu entrei na Educação Especial (e isso me encantou e ainda encanta demais) nessa mesma escola que atuo na EPJAI, além disso, procurei estudos da neuropsicologia para aprender e quando meu contrato expirou para atuar nesse tipo de ensino, com o meu jeito de ser e com minha prática educativa, comecei a trabalhar a noite também, pois de maneira regular a professora efetiva dessa modalidade me

chamava para substituir para não deixar essa lacuna da aprendizagem do aluno da EPJAI. Nesse sentido, comecei pouco a pouco a me relacionar com esse público e a me sentir à vontade. Em dezembro de 2022, eu fiz outra prova e fui chamado para atuar aqui.

Aliado a atmosfera confortável da entrevista e do engajamento do professor, foi perguntado a identidade das pessoas que frequentam a EPJAI e ele respondeu que:

São alunos que não tiveram oportunidade de cursar e estudar na idade regular porque abdicaram de sua escolarização para poder cuidar da vida material, para prover. Eu não sou o professor ideal de forma alguma, eu quero ser o professor comum da idade comum, mas que não deixa de atender à necessidade que eles precisam. Eles sempre falam que abdicaram da juventude para criar os filhos a fim deles conquistarem um futuro melhor e respondi que admiro a sua determinação e força, porque essa atitude é honrosa e bonita de se ver. Falei para a senhora x que veio até meu conhecimento afirmar isso, que ela também precisa conquistar e isso é uma atividade de alegria e prazer. Quando falei isso, ela começou a chorar. Então o aluno da EPJAI precisa de alguém que os ouça. Eu vejo neles meu avô, minha avó, eu os trato como amigos, como irmãos, como família. Na medida que ouço suas histórias, me vejo com uma sensação de impotência porque não tenho como mudar a realidade deles, mas aquilo que eu puder fazer para que eles avancem, eu quero fazer

Com base nesse panorama, observa-se que a prática pedagógica desse docente não se esgota ao ensinamento puramente metódico da alfabetização e dos conteúdos curriculares, antes, a relação desse professor se baseia na afetividade por meio da qual o olhar e a escuta sensível se fazem presentes a fim de que o desenvolvimento humano se faça real e que a dignidade da vida humana seja valorizada.

Acerca da necessidade que todo professor deve construir sobre sua prática, a escuta sensível potencializa processos de humanização e transformação de si, pois segundo Oliveira (2014, p.22)

A escuta é um processo fundamental nas relações interpessoais. Ela propicia uma maior aproximação destes sujeitos que se relacionam. A escuta proporciona o reconhecimento do outro, a aceitação, a confiança mútua entre quem fala e quem escuta.

Essa atitude que deve ser cultivada pelo docente é fundamental para o aprender de maneira leve com prazer e alegria de aprender, haja vista que o ouvir sensível desencadeia aspectos da empatia ligada ao universo afetivo e cognitivo do outro, pois segundo Nunes (2009, p. 30) “A escuta sensível é, acima de tudo, uma

presença meditativa (...) ela reconhece o outro na sua totalidade de indivíduo complexo, dotado de liberdade e pensamento criador.”

Nesse sentido, quando o aluno constrói uma relação afetiva e confortável com o professor, é estimulado a participar da construção do conhecimento, na medida em que propõe colocar em pauta de discussão a razão de ser do conhecimento, desse modo, os conteúdos curriculares ganham significado prático e real, isto é, alinhado ao cotidiano do aluno, segundo afirma o autor (Brandão, 2017). Com a progressão da entrevista, o professor acrescenta:

[...] todo dia tenho que trabalhar o alfabeto, sequência lógica, formas geométricas, cores, você viu, coloquei uma música de fundo para atividade de matemática porque auxilia os alunos a se acalmarem e a se sentirem bem e melhor, confortável, porque são alunos que muitas vezes estão no limite do dia a dia, aliado ao cansaço, e a música ajuda a tranquilizá-los.

Tal recurso utilizado, que é a musicalização sensível para uma ambiência tranquila movida por uma sensação de bem-estar, é indispensável para auxiliar o aprendizado e a relação social desses alunos consigo mesmos e com os outros estudantes da turma.

Isso exprime a preocupação que o professor em questão — Islan — possui com a necessidade de proporcionar uma atmosfera sonorizada de maneira agradável para seus alunos, pois na sua visão, é importante proporcionar a exploração dos sons na medida que os alunos da EPJAI se permite ir ao encontro do mundo reflexivo e imaginativo por intermédio da música, haja vista que a utilização deste elemento permite explorar aspectos “como memória, gosto, estilo, emoção e reflexividade concernentes à experiência musical.” (Cirino, 2013, p. 1).

Evidentemente, que alguns alunos da EPJAI, segundo o professor Islan, estranharam, isto é, se sentiram surpresos com a música instrumental de piano, mas nas palavras dele: “isso acalma e auxilia eles a realizarem a atividade de maneira tranquila. ” Com base no desenvolvimento da entrevista, o docente sinaliza questões indispensáveis na sua afirmação:

Muitas vezes o aluno da EPJAI chega exausto causa da labuta do dia a dia da semana e vou fazer o quê? Vou tratar eles com base somente em uma nota avaliativa? Às vezes deixo o plano de aula de lado e tento ressignificar, quando chego aqui presencio uma realidade diferente do plano de aula que faço e aí me preocupo em adaptá-lo, mudo na medida que faço a aula e esses alunos da EPJAI necessitam de materiais concretos para facilitar exatamente a

assimilação do conteúdo, precisam trabalhar os sentidos, o emocional, o aspecto energético.

Na sua fala, é explícita a visão de que os alunos não são vistos como meros reprodutores de conteúdo curricular, mas são sujeitos que possuem histórias de vida, que trocam experiências e ideias ao longo da dinâmica da cultura escolar.

Nesse sentido, entra em cena a descrição de Freire (2005, p. 68) sobre a caracterização de uma educação plenamente bancária “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” Esse cenário evidencia uma pedagogia da resposta, do silenciamento e da domesticação, o que não é visível na prática pedagógica do professor entrevistado.

Nesse sentido, a preocupação desse docente se sujeita a uma cosmovisão de que o aprendizado é muito além do que uma simples nota avaliativa; antes, o aprender de modo significativo explora o saber sensível, além do curricular, para melhor aplicar no dia a dia. Os educadores que são engajados nessa modalidade de ensino preconiza, em sua maioria, desafios enfrentados na prática pedagógica, como “heterogeneidade, a evasão, a juvenilização das turmas, a falta de materiais didáticos específicos, a baixa autoestima dos educandos e a rigidez institucional (...)” (Porcaro, 2011, p.41). Quando perguntado acerca do desafio enquanto docente da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas, ele responde:

É pretensioso elencar somente um. Se tivesse uma possibilidade de realizar uma abordagem fora do contexto formal da escola seria mais agradável, seria mais eficaz, não é só isso, eu disse a eles que acho legal manterem o hábito da oração, da espiritualidade e acrescentei a pergunta: vocês já fizeram dança? Já participaram de algum projeto fora daqui? Quem puder, vê um familiar seu, para vocês irem participar. Quem faltar uma semana aqui, não vai prejudicar o aprendizado não, se puder vá dançar. Faça algo que o seu corpo sinta que a vida está acontecendo aqui e agora, porque aqui é mais o conteúdo escolarizado, e o aprender tem que ser com alegria e prazer.

Feito esse entendimento, observa-se que o professor entrevistado acima elenca o desafio de otimizar suas aulas com movimento, levando os alunos a outro espaço não formal de ensino e, isso significa dizer que, a atividade pedagógica não se limita ao espaço físico da sala de aula; antes, o aprender pode ser feito no local de uma simples quadra — pátio — da escola.

Esse contexto é difícil de concretizar-se em vista da falta de políticas públicas que incentivem de maneira efetiva, atenciosa e real, o público da EPJAI a frequentar projetos que estimulem o movimento e o sentir o presente vivenciado. Com base nas afirmações do professor em questão, entende-se uma preocupação verdadeira e afetiva com o bem-estar dos alunos mesmo fora da instituição escolar, nas palavras que ele acrescentou:

Eles não estão aqui para o vestibular, o sonho deles não é isso. Eles estão aqui para vivenciar e experienciar.

Essa afirmação entra em cena a afirmação de que a tarefa principal do educador, em qualquer nível, é incentivar o desejo por aprender.

Isso exemplifica a necessidade real do educador, enquanto professor que exerce um ensino dialogado com reflexão tendo como pano de fundo a criticidade, de fazer o processo de ensino e aprendizagem ser significativo para os alunos na medida que estimula o prazer pelo viver com alegria e com propósito, pois “Isso significa que dizer algo a alguém não provoca aprendizagem nem conhecimento, a menos que aquilo que foi dito possa entrar em conexão com os interesses, crenças, valores ou saberes daquele que escuta.” (Oliveira, 2001, p. 238-239). Quando o professor entrevistado foi questionado sobre as metodologias quer de atividades, quer de explicação do conteúdo curricular, ele afirma:

Eles sinalizam que precisam e tento corresponder. Utilizo bingo, tentei trazer violão mas não deu certo ainda, alguns tiveram resistência porque foram massacrados na questão da autoestima, sempre ouviram ‘nunca vão aprender’ e para quebrar isso só terapia. Coloco a música de fundo para relaxarem e aprenderem melhor, já dei sugestão de filmes para meus alunos e sempre digo ‘quero sugestão de filmes, vamos lá!’ para dentro da proposta deles eu desenvolver o processo de ensino para eles aprenderem melhor com eficiência e consciência a partir do filme (...)

Fica explícito a visão de que os alunos da EPJAI são estudantes com particularidades distintas e com algumas vivências próximas — no sentido da baixa autoestima, do cansaço do dia a dia. Nesse sentido, a reflexão do professor entrevistado sinaliza uma metodologia diferente, inovadora e transformadora, pois alcançar com afetividade somente 5% da turma é algo significativo. Em relação a continuação da entrevista, o professor, quando perguntado sobre as questões que permeiam a evasão nessa modalidade de ensino, afirma que

POLÍTICAS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS:
DOS CONTEXTOS DE BASE À DIFUSÃO INTERNACIONAL

Muitos deles vêm para cá porque vai ganhar cesta básica, falta estímulo, além dos próprios alunos perceberem que precisam avançar no aprendizado e etc, falta políticas públicas de permanência, muitos pensam 'vou prá escola fazer o que? Estou no fim da vida!' e nisso eu rebato dizendo 'o que vocês estão fazendo aqui hoje? Tudo que fizeram no passado é passado, mudar a vida de vocês é no aqui e no agora. A proposta curricular é péssima nessa modalidade, você viu se utilizei o livro didático? O recurso é totalmente fora da realidade. Falta atrativos para os alunos permanecerem (...)

São pessoas que possuem histórias de vida específicas, com etnias distintas, raça distinta, idades geracionais distintas, além de evidenciar a demanda da ausência de políticas públicas que deem conta desse 'oceano' de pluralidade que é a modalidade da EPJAI. O docente pesquisador acrescenta ainda que:

Meu compromisso é com o ser humano. Eu faço o melhor que posso, nem paro para observar outra prática pedagógica, eu olho para a minha, a minha prática pedagógica não é somente alfabetizar e escolarizar, estou lidando com outro ser, nesse convívio a gente precisa ser o melhor possível, as vezes passo a noite conversando com eles e, nesse movimento, lanço uma questão no quadro, de um problema, de um assunto que o aluno levou pra sala de aula eu desenvolvo a aula e aí pego raciocínio lógico, separação silábica, figuras geométricas, filosofia (...) eu espero permanecer enquanto eu estiver na realidade da EPJAI, eles estão aqui com vontade, eles querem. Se eles conseguirem quatro ou resolver seis operações matemáticas da atividade que coloquei ali para mim é o suficiente.

3303

A visão de mundo escolar, em específico da EPJAI, do professor acima se assemelha ao pensamento crítico e consciente de Paulo Freire (2007, p. 86), pois parte do pressuposto que:

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache "repousado" no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer.

Na entrevista acima, é nítido a convicção do professor entrevistado acerca de sua profissão, isto é, ele demonstra a compreensão crítica sobre a função social de ser e estar fazendo-se professor na sociedade brasileira. Esse panorama exprime a compreensão de que o docente cercado de acontecimentos a sua volta possui valores de flexibilidade, paciência, sensibilidade, capacidade de renovação da sua própria práxis, o que não deixa de considerar que o professor é o sujeito que trabalha com o ser humano.

Nesse sentido, o educador entrevistado parte de uma concepção transformadora da educação por meio da qual os professores, engajados nesse movimento dialético e social, necessita de acreditar na educação, não tendo a visão ingênua como princípio da prática pedagógica, mas o profissional dessa área deve ser movido por uma 'rebeldia' que questiona a realidade para então promover mudanças sociais (Gadotti, 1998, p.71). Partindo desses argumentos, entende-se, então, que a divergência enquanto ação pedagógica dentro da sala de aula, movida por perguntas críticas e consistentes, contribui para que os educadores compreendam que a sociedade é plural e multifacetada.

A permanência das pessoas idosas na EPJAI: desafios de uma escola municipal de Jequié- BA

Esse estudo foi feito no Município de Jequié no interior da Bahia e, sendo assim, logo ao adentrarmos ao espaço da EPJAI lembramos que o direito à educação vem sendo negado a muitas pessoas e o fato de estar escrito na Constituição Federal não é uma garantia de que seja oferecido, pois há diversos fatores que o influenciam, como a perspectiva que a sociedade e o Estado tem de ver o público da EPJAI como "marginais", ou seja, minorias às margens da aristocracia, e esse estigma de preconceito ressoa também nas escolas gerando inúmeras dificuldades. Dito isso, este texto justifica-se pelo objetivo principal a ser alcançado de compreender sob o ponto de vista da escola quais os desafios para que o público **idoso** da EPJAI permaneça nela.

Destarte, utilizará uma metodologia de cunho qualitativo que envolve observação da estrutura e entrevista com a direção e alguns alunos idosos da escola. E com base nos resultados obtidos, tentou potencializar soluções para a problemática e novos meios de incentivar os alunos a continuarem frequentando as escolas. Por meio das observações feitas, chega-se às seguintes conclusões: a escola embora seja ampla e oferece várias oportunidades para os alunos, não é muito acessível para o público idoso, pois possui muitas escadas e as rampas que haviam lá, eram muito íngremes dificultando o acesso a algumas turmas de EPJAI no pavilhão de cima da escola. Através das entrevistas realizadas houve o entendimento de que a maioria dos alunos não são idosos, mas formam em média 30% a 40% da turma e eles são os que frequentam regularmente as aulas, por questões de solidão em casa, e a

vontade de interação, como um refúgio. O principal motivo que leva os alunos a faltarem é por questões de saúde, acidentes e afins. Ademais, o que mais faz com que os alunos abandonem as escolas, é a discriminação em sala pelos mais jovens e o sentimento de impotência por conta do etaríssimo e os bloqueios gerados por conta disso.

A escola conta com um projeto de permanência que visa manter os alunos, pagando um auxílio de 150 reais, que ajuda um pouco a manter os alunos de baixa renda na escola. Também conta com transporte fornecido a alunos que comprovam que moram distante. O principal motivo alegado pelos alunos que os fazem faltar às aulas ou que o fariam deixar a escola seriam questões de saúde, por necessidade de cuidar da família ou por falta de transporte no caso de quem mora longe, ou ainda por maus tratos na escola.

Por fim, com base nos dados obtidos posso afirmar que tanto o etaríssimo quanto a discriminação por parte dos colegas em sala de aula são fatores que influenciam na não permanência dos alunos nas escolas. Dito isso, é urgente buscarmos maneiras de auxiliar esses alunos a lidar com esses processos, o que consequentemente irá auxiliá-los a permanecerem estudando. Contudo vimos que apenas isso não garante a permanência, visto que há outros desafios como questões de saúde, responsabilidades familiares, falta de transporte para quem vive longe ou situações de bullying na escola. De acordo com os dados coletados, a discriminação etária e por parte dos colegas em sala de aula são fatores determinantes para a evasão escolar. Portanto, é crucial que busquemos formas de apoiar esses alunos a lidar com tais desafios, o que contribuirá significativamente para a retenção escolar.

3305

Considerações finais

Inicialmente, concluímos que há uma coisa em comum entre os dois entrevistados foi que ambos relataram que a rotina de trabalho e o cansaço do dia a dia são fatores que desmotivam sua continuidade dos estudos. Nesse sentido, percebemos a necessidade das questões em sala serem contextualizados com a realidade do aluno do EJA, para despertar o interesse e o ânimo do discente no processo de ensino-aprendizagem, assim o professor não pode se limitar a transmitir conteúdo de um livro didático, mas procurar mecanismos que desperte o interesse do

sujeito.

Por fim, em relação a garantia da permanência aos alunos idosos da EPJAI, notamos que a escola implementou um projeto de retenção dos alunos, fornecendo um auxílio de 150 reais para auxiliar os estudantes de baixa renda a permanecerem na escola. Além disso, é oferecido transporte aos alunos que comprovam residir longe da instituição. Em suma, percebe-se que embora a EPJAI seja garantida por direito, são inúmeros fatores que corroboram para a não efetivação desta modalidade de ensino, visto que alguns outros direitos não são supridos nas vidas pessoais dos alunos, ou não há uma boa metodologia docente para instigar a permanência dos alunos na escola. Dito isto, faz-se necessário práticas e políticas públicas que visem a qualidade da educação para o público da EPJAI, de maneira a potencializar o aprendizado e garantir seu prosseguimento na escola.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura: memórias dos anos sessenta**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 23, n. 49, p. 377-407, set. 2017. Doi: 10.1590/s0104- 71832017000300014

CIRINO, Andréa Cristina. **Musicalização de adulto: gosto musical se discute**. XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Natal – 2013.

CRUZ, Antonio Carlos dos Santos. **Avaliação e prática pedagógica EJA**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 11, Vol. 01, pp. 05-26 Novembro de 2018. ISSN:2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/avaliacao-e-pratica>

_____. **Educação e mudança**. 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FERRARO Alceu R. Direito à Educação no Brasil e dívida educacional: e se o povo cobrasse?. **Educação e Pesquisa [em linha]**. 2008, 34(2), 273-289[acesso em 22 de Março de 2023]. ISSN: 1517-9702. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29811390005>

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**, 2.^a ed São Paulo, Cortez, 1998

NUNES, Leonilia de Souza. **Escuta sensível do professor: uma dimensão da qualidade da Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, Brasília, 2009

OLIVEIRA, Natalia Carvalho. **O voo da borboleta: escuta sensível, respeito, e cuidado na relação pedagógica em mutação na educação infantil**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia), Universidade de Brasília, 2014.

Autor 1:



Nome Completo: Marilete Calegari Cardoso
Graduação em Pedagogia e especialização em psicomotricidade relacional pelo Centro Universitário La salle em 1999. Mestre em educação pela universidade federal da Bahia (UFBA, 2008), e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado da Bahia (UFBA, 2018). Membro do gepelinf - grupo de estudos e pesquisa em educação, ludicidade e infância.

Email: marilete.cardoso@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3527762185893794>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4088-8249>

3307

Autor 2:



Nome Completo: Taisa Santos Sacramento
Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié- BA. Bolsista do Programa Residência Pedagógica, voluntária de Iniciação Científica com o projeto Baú Brincante, membro do grupo de estudos Gepelinf na UESB.

Email: 202010586@uesb.edu.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0077510715599314>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8728-8313?lang=en>

Autor 3:



Nome: Luana Sena da Silva
Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié- BA. Bolsista de Iniciação Científica e do projeto “Baú Brincante”, membro do grupo de estudos Gepelinf na UESB.
Email: luanasenna013@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1077590670754611>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2183-4747>

Autor 4:



Nome: Amanda Queiroz Rocha
É graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia campus Jequié, bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq com o projeto: Baú Brincante, o potencial do brincar livre das crianças da educação infantil. É pesquisadora e membro ativo do Grupo de Estudos em Ludicidade, Infância e Educação, Gepelinf, UESB.
Email: 202020137@uesb.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3797382467971100>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1033-9349>